



Foto de Alfredo Cunha

honra os teus **velhos**

UM FACTO AO QUAL NÃO NOS deveríamos habituar é este: que na informação sobre as vítimas da pandemia venha associada a sua idade e a indicação de que eram afetados por outras patologias. Não nos damos conta, mas com isso descemos, de forma irreversível, alguns degraus daquele precioso património comum a que chamamos civilização. Não discuto que a intenção possa ser virtuosa, pois supostamente visa serenar os outros segmentos da população. Mas certas serenidades induzidas têm de ser questionadas, sobretudo se reforçam a vulnerabilidade de quem já tem de suportar tanto. É fundamental que para as nossas sociedades seja claro que há coisas piores do que a infeção com o vírus da covid-19. Se os velhos são reduzidos a números, e a números com escassa relevância humana e social, podemos até superar aiosamente a crise sanitária, mas sairemos diminuídos como comunidade. Rodarão as estações. A esta primavera suceder-se-á outra, porventura, mais risonha, distendida e ampla. Mas nunca mais respiraremos da mesma maneira.

É que não se envelhece para morrer. Penso no modo extraordinário e preciso como o livro do Génesis descreve a caminhada do patriarca Abraão. “Abraão expirou... velho e saciado de dias” (Gen 25:8). Sim, não se envelhece para morrer. Envelhecemos para nos saciarmos de vida e desse modo sentir que, mesma escassa ou vacilante, a vida é o

milagre mais espantoso, mais indescritível e pródigo que nos tocou em sorte. Com razão, James Hilmann escreveu:

“Envelhecendo eu revele o meu carácter, não a minha morte.”

A velhice é um laboratório de vida presente e não só passada, uma escola onde se aprofunda o significado da esperança e do amor. Quando estes sentimentos, despidos já das contaminações do cálculo, distantes do enganador afã dos objetivos que lhe colocámos, revelam finalmente a sua natureza. O que é o amor em si, o que é a esperança sem mais — os velhos sabem-no melhor. E, contudo, resistimos tanto a perguntar-lhes, como se essa transmissão de sabedoria não nos fosse indispensável. Que os velhos se

tenham tornado uma abandonada periferia — e os condicionamentos da pandemia podem ainda dramaticamente acentuá-lo — diz muito da crise interior que mina o nosso tempo.

Há cem anos, no início dos anos 20 do século passado, Max Weber escrevia que, diferentemente das gerações que nos precederam, “os homens já não morrem saciados de vida, mas simplesmente cansados”. O dogmatismo com que hoje encaramos a produtividade, a eficiência e o consumo tornou-nos uma sociedade desligada de dimensões essenciais. Nela, os velhos perderam o seu papel social, pois deixámos de valorizar o depósito de conhecimento e experiência que representam, e passamos a apostar todas as nossas fichas numa ideia de progresso baseada na mudança contínua, sem freios nem memória.



Precisamos de nos reconciliar com a velhice. É um erro grosseiro representar os velhos como um peso: experimentam-no quotidianamente as famílias que sem a

colaboração dos avós não saberiam como conjugar as vidas profissionais com a vida familiar; sabem-no as crianças e os jovens que nos mais velhos encontram disponível um bem que mais ninguém lhes oferece com aquela gratuidade: tempo; constatam-no todos os espaços de convivência humana que dos velhos recebem testemunhos de sabedoria, afeto e resiliência, pois eles felizmente têm olhos para aquilo que mais ninguém vê. O antiquíssimo Livro do Levítico recorda-nos este imperativo de futuro: “Ficarás de pé diante do que tem cabelos brancos; honrarás o rosto de quem é ancião” (Lev 19:32).

JOSÉ TOLENTINO
MENDONÇA

Expresso, 25.04.2020



os crimes subterrâneos

HÁ UM ESCÂNDALO SUBTIL E SUBTERRÂNEO NA SOCIEDADE PORTUGUESA, que é a medida de todas as hipocrisias e vai sendo tolerado com o narcótico da indiferença que os dias de hoje impuseram como comportamento. Portugal trata os seus velhos, sobretudo aqueles que duramente trabalharam uma vida inteira – que trabalharam até poder -, como fardo atirado para os desvãos da morte anunciada.

Na narrativa da actualidade, às vezes, surgem coisas espantosas, pequenas (ou grandes?) descidas a infernos existentes dentro de paredes de lares, muito misericordiosos, como a história revelada pelo *Sexta às Nove*, da jornalista Sandra Felgueiras.

A denúncia dos maus tratos na Santa Casa da Misericórdia de Valpaços, não será caso único e terá reprodução em muitos outros lugares no país dos brandos costumes. Quem assistiu às imagens, e tiver uma pequena luz de consciência, há-de pensar como é fácil torturar

– de tortura se trata – e desapossar a pessoa humana da mais elementar dignidade. Há, nesta realidade tanto quanto possível oculta, a crueldade de um negócio que cresce na razão directa da demissão do Estado em relação às políticas sociais. Os arautos da chamada “sociedade do mercado”, as bem-aventuradas políticas enfeudadas aos interesses privados minaram os alicerces sociais do Estado, riem-se dos propósitos de solidariedade que a Constituição da República apregoa e

lavam as mãos das suas obrigações de acudir aos que mais precisam.

O campo está livre para a negociata, às vezes mascarada de proselitismo e caridade, que se desenvolve em vários níveis, numa perspectiva classista, sempre à procura dos segmentos da população que mais dividendos possam dar. Há, lê-se na publicidade de jornais e televisões, verdadeiros paraísos para a classe média/alta, porventura com benesses e grossos subsídios governamentais. São os paraísos finais de uma minoria.

A grande massa da população, pobre e envelhecida, é mercadoria para negócios de via reduzida. Improvisam-se lares e hospedarias, que acolhem, às vezes em condições sub-humanas, esses velhos transformados em fantasmas de si próprios. Impossibilitados de ficarem em casa, umas vezes, outras vítimas de egoísmos, encaminham-nos para esses depósitos que não são outra coisa senão cemitérios mitigados.



Vêmo-los por aí, em sobrelotação, amarrados a camas, sem os cuidados mínimos que a sua situação requer. Assim, aguardam o fim, enquanto as listas de espera crescem. São muitos dramas somados e cada um destes,

como o caso de Valpaços, não é mais que o microcosmo do país que temos.

Que olhar temos sobre a velhice? Quem seleciona a vida?

Num Portugal desequilibrado demograficamente, a velhice é porventura o problema n.º 1 da sociedade. E isso coloca a exigência de uma prioridade absoluta. Enquanto ouvirmos situações como a do escândalo de Valpaços, temos que nos interrogar: Que tempos são estes? Que país é este que, impunemente, finge ignorar este crime subterrâneo? Houve um poeta que dedicou versos a alguém que pedira desculpa aos filhos por ter demorado tanto tempo a morrer! Será esta uma parábola dos tempos modernos? De certo modo, num horizonte destes, todos estamos a morrer. Pelo silêncio.

FERNANDO PAULO RO NEVES. Jornalista/Repórter

<http://www.fernandopaulouro.com/2020/02/os-crimes-subterraneos.html> (09.02.20)

A Páscoa é a nossa Pátria

*Nota Pastoral
de D. António Couto
na proximidade
das celebrações comunitárias*

Nascidos na Páscoa de Jesus

1. Atravessamos ainda o país da Páscoa. E bem sabemos que quer os judeus em geral quer os discípulos diretos de Jesus olhavam para a Páscoa com uns grandes olhos esbugalhados, capazes de vislumbrar a chegada de Elias, que vinha com a missão de preparar os corações para a chegada iminente do Messias. Elias era o precursor de um mundo novo. O Messias, ou o Cristo, viria carregado de esperança para alentar e alavancar o povo eleito de Israel entre todas as nações. Tudo, nos traços do seu retrato, era sucesso, vitória, paz, saúde, prosperidade, alegria nova e incontida. Mundo novo era a bagagem que trazia para oferecer. Os discípulos de Jesus seguiam-no com entusiasmo. No seu íntimo, todos pensavam que Jesus era o Messias, o Cristo, o enviado de Deus, o vencedor do sofrimento e da dor. «Tu és o Cristo» (Marcos 8,29), grita o impulsivo Pedro, em nome de todos, com sincera convicção e entusiasmo. Ao ouvir isto, que, na boca de Pedro, significava triunfo, riqueza, sucesso, poder, Jesus mandou-os calar a todos com invulgar severidade (Marcos 8,30), e, saltando fora do quadro traçado, começou a ensinar que era preciso que o Filho do Homem sofresse muito, fosse rejeitado e morto, para depois ressuscitar ao terceiro dia (Marcos 8,31).

Pedro ainda resistiu e insistiu no seu estafado e interesseiro raciocínio (Marcos 8,32), mas Jesus recriminou-o fortemente, impedindo-o de lhe estorvar os movimentos (Marcos 8,33), e desafiando-o, a ele e a todos, a «dizer não» a si mesmos, às suas convicções messiânicas fáceis e caducas, a pegar na sua cruz todos os dias, e a segui-lo com determinação (Marcos 8,34).

2. Já sabemos que as coisas azedaram, e quando estes discípulos de Jesus começaram a ver levantar-se a cruz no horizonte, todos desistiram e foram-se embora (Marcos 14,50). Como quem diz: afinal, enganámo-nos; não era este; vamos ter de esperar por outro!

3. O certo é que, quando o Espírito arremeteu sobre eles e acendeu um lume novo dentro deles (Atos 2,1-12), tudo foi virado do avesso, e vieram para a rua dizer com ousadia e desassombro que, afinal, este Jesus que vós crucificastes, Deus ressuscitou-o de entre os mortos, e constituiu-o Senhor e Cristo, e disto nós somos testemunhas (Atos 2,36; 3,15).

4. Fica claro. A Escritura Santa é urdida com dois fios: um, são os nossos brilhantes raciocínios, sonhos, visões, programas, projetos, ambições; o outro, é o modo de ver de Deus, que deixa entrever quase sempre um mundo novo, novo mesmo, sem termo de comparação, ainda não catalogado no arquivo dos nossos conhecimentos adquiridos e nos anais das nossas conquistas. Basta ouvir o discurso que Isaías põe na boca de Deus, para nos apercebermos deste desconcerto: «Com efeito, os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e os vossos caminhos não são os meus caminhos» (Isaías 55,8).

A fé e a ciência lado-a-lado

5. Como nós nos desviámos das pautas da música de Deus! Como nos transviámos! Mas podemos sempre regressar, procurar os caminhos ajustados, acertar processos, dado que Deus nos deixou um mapa preciso e precioso na nossa inteligência, vontade, sensibilidade, capacidade de discernir e decidir. Quero dizer: nem fideísmo nem cientismo. O fideísmo é aquela maneira de viver pensando que a fé não é da ordem da razão, mas apenas do sentimento, um assentimento do sentimento, portanto e só. Em nome desta conceção de fé cega e fechada, quantos desastres aconteceram ao longo da história, e ainda hoje toldam o olhar de grupos extremistas radicalizados! O cientismo consiste em entregar todas as chaves da vida e da nossa casa à ciência e à técnica, vendo nelas «o deus deste mundo» (2 Coríntios 4,4), que resolve todos os nossos problemas. Também este modo de ver e de viver se revelou desastroso e abriu incontáveis valas comuns. Serve aqui o juízo de Max Horkheimer e Theodor Adorno, com data de 1947: «O *iluminismo*, no sentido mais amplo de pensamento em contínuo progresso, perseguiu desde sempre o objetivo de libertar os homens do medo e de os tornar donos. Mas a terra inteiramente *iluminada* resplandece, ao contrário, de triunfal desventura!».

6. Serve este estendal para olharmos com mais atenção para este tempo marcado pela tempestade da Covid-19, que praticamente sem aviso nos caiu em cima, arrumando para o lado as nossas agendas, fechando as nossas portas e deixando a nu as nossas limitações. Dizem uns: afinal, Deus e as Igrejas, a fé e a oração não servem para nada, não nos trazem nenhum proveito; dizem outros: e nós que pensávamos que a ciência resolveria todos

os nossos problemas! Nem os crentes verdadeiros perderam os seus créditos, nem o saber dos cientistas foi pela água abaixo! O mapa e a bússola para os novos caminhos a trilhar não estão só nas mãos dos crentes que rezam de verdade ou dos cientistas que se esmeram nas suas pesquisas. Deixou-os Deus nas mãos do ser humano, do crente e do sábio, e todos devem lutar, cada um com os dons que recebeu, para tornar este mundo mais belo e saudável e habitável. Deus acredita em nós: por isso, ao criar-nos livres, inteligentes e voluntariosos, repartiu conosco o seu poder e a sua sabedoria, fundando a oração e a ciência, e até não nos impedindo de podermos fazer mau uso dos seus dons. Ao criar-nos assim, responsáveis e livres, convenhamos que Deus correu riscos, mas Deus acredita em nós, confia em nós. Lutemos, pois, com a inteligência e o coração, com a oração; lutemos, pois, com os dados por Deus dados, nos hospitais e laboratórios. De resto, os santos sempre souberam arrastar o mundo para o bem e o bem para o mundo, vergando, para tanto, o coração de Deus. E os verdadeiros cientistas, crentes e não crentes, mas sempre sensatos e sensíveis e humildes, a cada passo são surpreendidos com o incrível e o ainda não explicável!

7. É bem verdade, podem testemunhá-lo os santos e os verdadeiros homens da ciência: o pão e o sonho que alimenta a vida, Deus o dá aos seus amigos até durante o sono (Salmo 127,2; cf. 1 Reis 3,5). Eu próprio disse e escrevi a meio do ano passado de 2019: «Sendo a vida, então, um *contínuo estado de emergência*, o bem que deve ser feito agora assume um carácter de extrema urgência». Têm-me perguntado: como é que eu disse e escrevi

isto naquela altura, quando ainda não se pressentia nada? Se não se via nada, era por causa do escuro que fazia. Tenho dito e escrito muitas vezes que atravessamos “a noite do mundo”. E de noite, pouco se vê. É preciso perguntar com Isaías: «Sentinela, quanto resta da noite? E a sentinela responde: Já desponta a manhã, mas é ainda noite» (Isaías 21,11-12). É, portanto, necessário que nos postemos sobre a fresta da porta entreaberta (Salmo 106,23), para que algum pingo de luz possa ainda alumiar o nosso olhar, e para impedirmos que a porta se feche.

Preceitos práticos

8. Se Deus quiser, a partir do último fim-de-semana de maio, dias 30 e 31, Sábado e Domingo, vamos poder voltar a dar corpo às celebrações nas nossas igrejas, sobretudo a Eucaristia, tendo presentes as Orientações de 8 de maio, emanadas da CEP, e respeitando também as normas de segurança sanitária recomendadas pela DGS, e ilustradas nos cartazes para o efeito preparados.

1) Chama-se a atenção sobretudo para quatro momentos: a entrada e saída da igreja (1 e 2), a correta e ordeira ocupação do espaço dentro da igreja (3), os passos para a comunhão (4).

2) É recomendável que em cada igreja haja pequenas equipas de acolhimento e acompanhamento, e que cuidem da higienização à entrada, e antes e depois da comunhão.

3) De acordo com as normas sanitárias que devemos cumprir, já sabemos que a participação presencial nas celebrações será reduzida a cerca de 1/3.

4) Fazemos, por isso, saber que, enquanto durar este regime sanitário, para o cumprimento do preceito Dominical, valem também as celebrações da Eucaristia nos dias de semana. Convidamos, por isso, os fiéis mais idosos e pertencentes a grupos de risco a procurarem mais estas celebrações, sendo previsível que nelas haja um menor número de fiéis.

5) Higienização, distanciamento social e uso de máscara já fazem parte do nosso quotidiano, e devemos mantê-los em todo o tipo de celebrações comunitárias (batismos, matrimónios, exéquias e outras celebrações eventuais).

6) Celebrem-se com dignidade e simplicidade, sempre que haja solicitação para isso, os Sacramentos da Reconciliação e da Unção dos Doentes, cumprindo sempre também as normas sanitárias em vigor.

7) Dado o seu carácter particularmente festivo, procurem adiar-se, sempre que possível, as celebrações de batismos, primeiras comunhões e matrimónios.

8) Dado o seu carácter muito próprio, ficam adiadas para tempo oportuno, que Deus nos há de dar, as Visitas Pastorais, bem como a celebração do Sacramento do Crisma.

9) Mantendo-se as atuais circunstâncias sanitárias, temos de compreender que, para o melhor bem de todos, devem continuar suspensas peregrinações, procissões, festas, romarias, concentrações religiosas, acampamentos e atividades similares.

Saudações com gratidão, emoção e esperança

Neste tempo em que «já desponta a manhã, mas é ainda noite», quero saudar com muito afeto as 223 comunidades paroquiais da nossa Diocese de Lamego, em todos e cada um dos seus membros fiéis, desde as crianças, privadas de tantas brincadeiras, até aos jovens, que mexeram com tudo quanto havia na sua bela Jornada acabada de realizar, até aos pais e avós, e aos seus párocos, a quem agradeço a presença e proximidade, e estímulo a continuar a lutar com entusiasmo e criatividade.

Tenho de saudar, não por dever, mas por emoção e gratidão, os nossos queridos velhinhos e fragilizados, que têm estado confinados nos Lares espalhados pelo território da nossa Diocese. Que o Senhor vos abençoe, meus amigos e meus irmãos! Estendo esta saudação muito sentida e comovida aos cuidadores de todos os dias, que todos os dias e noites velam, e sabe Deus com que meios, por estes irmãos e irmãs que habitam os nossos

Lares. E deixai que estenda ainda este manto de muito apreço e gratidão aos jovens voluntários que, vindos de outras partes do nosso país, quiseram dar uma mão de amor aos velhinhos que de saúde e de amor estavam privados nos nossos Lares. Lembro particularmente os jovens que vieram dar essa mão de amor no Lar de Nossa Senhora da Veiga, em Foz Côa, acompanhados pelo P. Bernardo, no qual saúdo o voluntariado, discreto e carinhoso, de outros sacerdotes que se fizeram o próximo do irmão caído neste novo caminho de Jericó que atravessámos.

Em tudo e sempre, sobretudo nesta hora de luta que reclama de nós todo o empenho e solicitude, contai sempre com o vosso bispo e irmão, + António, que a todos acompanha e abençoa. E que Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, neste mês que é seu, nos proteja com o seu olhar carinhoso.

Lamego, 17 de maio de 2020,
Domingo VI da Páscoa

Ir à Missa em tempos de covid-19

- 30 de maio é a data indicada para o regresso gradual das celebrações comunitárias (as dioceses insulares terão em conta as indicações das respetivas autoridades regionais);
- Se faz parte de um grupo de risco, evite o domingo e opte por um dia da semana;
- O uso de máscara é obrigatório;
- Higienize as mãos;
- Siga as indicações das equipas de acolhimento;
- Entre e saia por portas diferentes;
- Ocupe os lugares indicados;
- Respeite a distância mínima, mesmo para comungar;
- Não distribua folhas, desdobráveis ou qualquer outro objeto ou papel;
- O ofertório faz-se à saída;
- O gesto da paz continua suspenso;
- Comungue em silêncio;
- Receba o Corpo de Cristo nas suas mãos;
- No fim da celebração, regresse logo a casa.

Seja responsável! Evite a propagação da pandemia! Por si, por todos!

Os párocos e as equipas de acolhimento dão todas as indicações necessárias! Retomar as celebrações e os sacramentos depende do cumprimento das normas de higiene, distanciamento e proteção. Os encontros formativos, nomeadamente da catequese, devem acontecer através dos media; as procissões, festas, acampamentos e eventos com grandes grupos continuam suspensos.

Para saber mais, veja as indicações da Conferência Episcopal Portuguesa para o culto público católico no contexto da pandemia covid-19 em www.agencia.ecclesia.pt



Covid-19: Olhar a nova normalidade



Nesta “estação de pandemia” parece estarmos em descensão, reconquistando, pouco a pouco, uma “nova normalidade”. Com prudência, para continuar a vigiar a extensão do vírus, mas afirmando e confiando na responsabilidade de cada um e de todos na gestão da sua saúde, sem discriminação pela idade e respeitando a autonomia pessoal, que não é outra senão a capacidade de cumprir com as próprias obrigações morais.

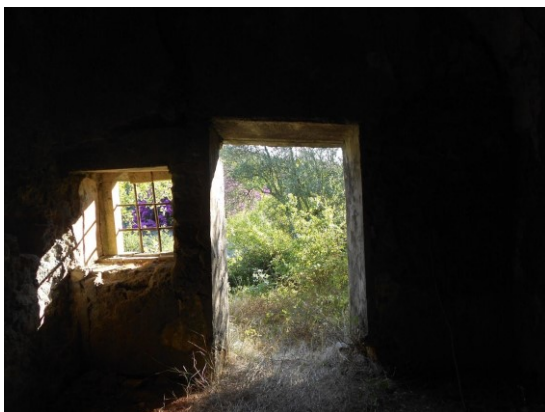
Aprendemos muito nestas semanas. Provavelmente, coisas boas. Também coisas que devem ser melhoradas e que todos devemos assumir:

- Somos todos vulneráveis. Provavelmente, uns mais do que outros. Alguns reclamam que as suas necessidades sejam atendidas de uma maneira diferenciada. Há pessoas que têm sérias dificuldades para serem reconhecidas como sujeitos de direitos; também de direitos à assistência sanitária, à casa, à educação e à liberdade de decidir. Não valem fórmulas simples

para realidades complexas. Que tratando todas as pessoas do mesmo modo, falta-se à equidade e ao reconhecimento de que a igual dignidade merece igual estima e consideração, mas nem sempre o mesmo procedimento.

- Pessoa toda e todas as pessoas. Há serviços essenciais que não podem ser substituídos pelo teletrabalho, pois exigem intervenções qualificadas de cuidados que podem originar graves riscos sendo suspensos. Que se retomem quanto antes os serviços de apoio direto a pessoas com dependência e/ou deficiência, os tratamentos individualizados de tipo socio-sanitário de que necessitam adultos e menores com deficiência ou necessidades especiais, e as medidas educativas de caráter comunitário para famílias em situação de risco e pessoas com vulnerabilidade social.

- Sistema ao serviço das pessoas. A “crise de cuidados” e o “envelhecimento das nossas sociedades”, temas dominantes nos fóruns académicos, económicos e políticos, foram neste tempo desafios que nos fizeram ver que as relações comunitárias nos ambientes naturais são indispensáveis. É imprescindível estabelecer e manter um sistema eficaz e suficientemente dimensionado de serviços sociais, que possa preservar e enriquecer as relações e os apoios comunitários, porque não podemos permitir que o próximo grande colapso seja o das Instituições Sociais de proximidade e de solidariedade.



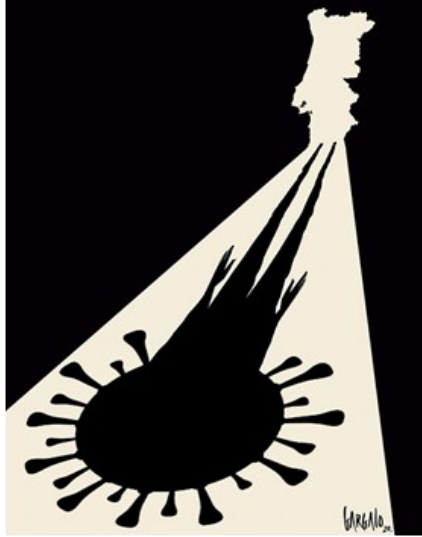
- Valorização do serviço às pessoas. Há compromissos e lealdades, profissionais ou voluntários, que não se pagam com “salários”, mas com “honorários”, quer dizer com reconhecimento social a quem para além das suas obrigações legais, presta uma atenção de excelência correndo riscos, porque sabe que na relação assistencial não só se joga a dignidade da pessoa atendida (acariciada, alimentada, cuidada, educada, lavada, protegida ou tratada), mas o próprio projeto de autorrealização pessoal.
- A vida é comunhão. Em qualquer momento podemos morrer e não é a mesma coisa morrer bem ou morrer mal, acompanhado ou isolado,

porque morrer deve ser sempre “con-morrer”, como viver é sempre “con-viver”. Que, como sociedade, reconhecamos a dívida que contraímos com as pessoas que faleceram em absoluta solidão e sem se despedirem dos seus familiares. Que também devemos fazer o necessário para aliviar o dano que sofreram os seus entes queridos.

- A vida é um dom de Deus. Que um misterioso vírus em menos de três meses colocou o mercado financeiro em alerta, desacelerou a economia global, modificou os hábitos quotidianos, reavivou medos ancestrais e pôs em xeque os líderes do planeta. E obrigou-nos a confirmar a fragilidade humana e a disputar a sobrevivência, a sentir a necessidade do abraço e a valorizar o coletivo, a vergar-nos diante da “mão poderosa e misericordiosa” que tudo fez e a sondar a (re)significação da vida.

Por LINO MAIA

<http://www.vozportucalense.pt/category/opiniaio/> (19.05.2020)



Virus invisível. Desenho do cartunista português Vasco Gargalo (2020).

kyrie

Em nome dos que choram,
Dos que sofrem,
Dos que acendem na noite o facho da revolta
E que de noite morrem,
Com a esperança nos olhos e arames em volta.
Em nome dos que sonham com palavras
De amor e paz que nunca foram ditas,
Em nome dos que rezam em silêncio
E falam em silêncio
E estendem em silêncio as duas mãos aflitas.
Em nome dos que pedem em segredo
A esmola que os humilha e destrói
E devoram as lágrimas e o medo
Quando a fome lhes dói.
Em nome dos que dormem ao relento
Numa cama de chuva com lençóis de vento
O sono da miséria, terrível e profundo.
Em nome dos teus filhos que esqueceste,
Filho de Deus que nunca mais nasceste,
Volta outra vez ao mundo!

josé carlos **ary dos santos** (1937-1984)
a liturgia do sangue, lisboa, 1963